

AS ESTRUTURAS DE RELIGIÃO E DE CULTO DO CAPITALISMO: ANÁLISES CRÍTICAS A PARTIR DE WALTER BENJAMIN

LEANDRO KIM PEREIRA DOS SANTOS¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹Universidade Federal de Pelotas – leandrokim87@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho tem como tema a determinação das estruturas de religião e de culto do capitalismo. Investigamos, portanto, assuntos como as relações existentes entre dinheiro e religião e, mais especificamente, capitalismo e cristianismo.

Este campo de estudo abrange autores, perspectivas e teorias quase inesgotáveis. Como ponto de partida, optamos pelo fragmento intitulado *O capitalismo como religião*, escrito em 1921 pelo filósofo alemão Walter Benjamin. A versão do fragmento utilizada no trabalho serve de abertura à coletânea de textos de Benjamin com o mesmo título, organizada pelo filósofo brasileiro radicado na França Michael Löwy. Segundo este, trata-se de uma tentativa de apresentar em ordem cronológica aspectos da crítica romântico-revolucionária benjaminiana à civilização.

Tendo em vista a amplitude, profundidade e radicalidade da filosofia de Benjamin; a liberdade exegética oferecida pela coletânea organizada por Löwy; os conteúdos do fragmento estudado; e a possibilidade de retomar tais conteúdos por meio da Teoria Crítica (o primeiro contato de Benjamin com a filosofia marxiana se deu em 1924), torna-se possível escolher este ponto de partida teórico para o presente trabalho.

Alguns problemas fundamentais sobre o tema surgem logo no início do fragmento. Segundo Benjamin, o capitalismo não é uma formação condicionada pelas religiões cristãs, especificamente pelo protestantismo, mas sim um fenômeno essencialmente religioso, cujas estruturas se fundamentam também nas religiões cristãs. Tal afirmação contraria a tese clássica de Max Weber, principal referência teórica do fragmento. Por outro lado, Benjamin considera a própria demonstração destas estruturas como um ato polêmico, capaz até mesmo de extrapolar as capacidades de qualquer análise crítica, “pois não temos como puxar a rede dentro da qual nos encontramos” (BENJAMIN, 2013). Tal polêmica reflete questões posteriormente abordadas por nomes da Teoria Crítica, como Adorno, Horkheimer e Habermas: ainda que seja permitido elucidar o processo de autoconsciência do ser humano enquanto produtor de sua própria história, sem intermediações divinas ou metafísicas, seu estágio atual de desenvolvimento faz com que esta história sempre lhe escape. Ou seja, ainda que se possa falar em uma “morte de deus”, a sociedade capitalista-burguesa em expansão no mundo não perde seu caráter religioso, e termos centrais da filosofia crítica, como razão e esclarecimento, podem ser questionados quanto ao seu potencial emancipatório. Nossa civilização segue controlada por forças além de seu controle e compreensão.

Todavia, tanto o próprio Benjamin quanto os demais autores jamais deixaram de aprimorar seus esforços para a emancipação social e individual. Embora o fragmento ora estudado se trate de um texto denso, hermético e fragmentário, e embora o autor nunca tenha trabalhado de forma direta e extensiva com o presente tema, o objetivo do presente estudo é contribuir com a tarefa filosófica de deter-

minação das estruturas religiosas do capitalismo; realizar uma análise crítica destas estruturas e dos valores humanos – em sua concepção econômica e ético-moral – relacionados à civilização capitalista; e contribuir com a formulação de hipóteses de superação desta civilização.

A área do trabalho abrange a Filosofia da História, a História, a Ética e a Moral, a Teoria do Conhecimento, a Filosofia da Religião e a crítica marxiana da Economia Política, com incursões e investigações necessárias nas demais áreas da Filosofia, nas Ciências Humanas e nas Ciências em geral.

Como fundamentação teórica, além da já mencionada coletânea de textos e da obra em geral de Walter Benjamin, o trabalho se utiliza das obras de Marx e Engels, por seu lugar central e incontornável na Filosofia Crítica, no método dialético, na Teoria da Modernidade, na Filosofia da História e na crítica da Economia Política e da Religião. As obras de Max Horkheimer, Theodor Adorno e Jürgen Habermas pertencem ao núcleo principal da Teoria Crítica e, portanto, do método dialético e da crítica de cunho interdisciplinar e de emancipação social. Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud e Max Weber são os principais referenciais teóricos do fragmento de Benjamin. Tratando-se de três entre as figuras mais importantes do pensamento moderno e contemporâneo, ao lado de Marx e Engels, suas obras são de importância central para o presente trabalho. O primeiro, por sua crítica da modernidade e da religião, fundamentada na fisiologia e no método genealógico e perspectivista; o segundo, pela crítica da religião e dos conceitos de civilização e cultura, e pelo método revolucionário da psicanálise social; e o terceiro em razão de seus estudos fundamentais sobre o “desencantamento do mundo”, as ascetes intra e extra-mundanas e a teoria da racionalização. Christoph Türcke, filósofo da Teoria Crítica contemporânea, apresenta uma intersecção entre as obras de Marx, Nietzsche, Benjamin e Freud indispensável para as finalidades do trabalho. Além de Türcke e Michael Löwy, são estudados comentadores como Ernani Chaves, Jeanne Marie Gagnebin, e Paul-Laurent Assoun.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, leitura, análise e comparação de textos filosóficos e de outros autores e áreas de interesse; da crítica da religião e dos valores humanos promovida por Friedrich Nietzsche, por meio do seu método genealógico e perspectivista; e da crítica da economia política e da ideologia de Karl Marx e da Teoria Crítica, por meio do método dialético de pesquisa e exposição, da interdisciplinaridade materialista fundamentada na História e na Teoria Social, e da Filosofia da História com finalidade prática.

As pesquisas e resultados foram obtidos por leitura e análise das obras de Walter Benjamin: *Passagens*, *O capitalismo como religião*, *Baudelaire e a modernidade* e *O anjo da história*; Marx e Engels: *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, *Manuscritos econômico-filosóficos*, *A ideologia alemã*, *Manifesto Comunista*, *O capital* (v. 1) e *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*; Nietzsche: *A gaia ciência*, *Assim falava Zaratustra*, *Além do bem e do mal*, *Crepúsculo dos ídolos*, *A genealogia da moral* e *O anticristo*; Jürgen Habermas: *Teoria e práxis*, *Conhecimento e interesse*, *O discurso filosófico da modernidade* e *A teoria da ação comunicativa*; Max Horkheimer: *Filosofia e teoria crítica* e *Eclipse da razão*; Theodor Adorno: *Minima moralia*, *Dialética negativa*, *Estudos sobre a personalidade autoritária* e *Aspectos do novo radicalismo de direita*; Adorno e Horkheimer: *Dialética do esclarecimento*; Sigmund Freud: *Totem e tabu*, *O mal-estar na civilização* e *O futuro de uma ilusão*; Max Weber: *A ética protestante e o “espírito” do ca-*

pitalismo; Christoph Türcke: *O louco: Nietzsche e a mania da razão e Sociedade excitada: filosofia da sensação*; Osvaldo Coggiola: *Teoria econômica marxista: uma introdução*; Karl Löwith: *De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionária no pensamento do século XX: Marx e Kierkegaard*; Herbert Marcuse: *A ideologia da sociedade industrial*; e textos e obras dos já mencionados comentadores Michael Löwy, Ernani Chaves, Jeanne Marie Gagnebin, e Paul-Laurent Assoun.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises teórico-filosóficas e as pesquisas até então desenvolvidas permitem corroborar as formulações de Benjamin em seu breve fragmento. Desta forma, é possível observar que o capitalismo possui estruturas de religião e de culto, pois serve como mecanismo de proteção e compensação em relação aos mesmos problemas espirituais e materiais a que as religiões buscam oferecer resposta, retira dos indivíduos sua consciência enquanto produtores da própria história, e sobretudo impede a autonomia do ser humano.

E podemos ir além: a cisão que ocorre entre os indivíduos e os meios que possibilitam sua existência é mais radical e violenta do que nas religiões em geral. Isto pode ser demonstrado pelos três traços da estrutura religiosa do capitalismo identificados por Benjamin: o capitalismo enquanto “religião puramente cultural, talvez até a mais extremada que já existiu”, no qual “todas as coisas só adquirem significado na relação imediata com o culto”, sem dogmática ou teologia, e no qual “o utilitarismo obtém sua coloração religiosa”; a duração permanente do culto, pela qual o capitalismo se torna celebração de um culto sem trégua e sem piedade, no qual “não há dia que não seja festivo no terrível sentido da ostentação de toda a pompa sacral, do empenho extremo do adorador”; e o capitalismo enquanto “culto culpabilizador”, no qual uma “monstruosa consciência de culpa” assola todos os seus membros, sem esperança de expiação (BENJAMIN, 2013). A análise crítica destes traços por meio da obra dos autores já elencados permite observar como ocorrem as transições do mundo pré-capitalista (Nietzsche, Weber e Türcke) até a hegemonia até então inabalável da burguesia capitalista, a partir da qual fenômenos como a sociedade de mercado e o fetichismo da mercadoria criam ideologias fundamentadas em falsa aparência, simulacro e atomização dos indivíduos, que ocultam tanto a mencionada cisão brutal entre estes e os seus meios de existência, quanto a realidade social de desigualdade e violência extremas, sem igual na história da humanidade até então (Marx, Freud e a Teoria Crítica).

Também é possível desenvolver outro tema apenas esboçado no texto de Benjamin: as relações históricas existentes entre dinheiro, religião e mito. Torna-se então clara a conexão que o dinheiro estabeleceu com o mito e a religião desde a sua remota gênese nos altares sacrificiais das civilizações norte-ocidentais (COGGIOLA, 2021). Religião, culto e sacrifício possuem desde sempre uma ligação indissolúvel, e o dinheiro seria uma suposta via de emancipação em relação à prática sacrificial, direcionada à plena satisfação das necessidades humanas. No entanto, o que se observa é exatamente o contrário: mesmo a evolução do dinheiro em capital eleva o sacrifício de humanos e demais seres vivos a dimensões também inéditas na história humana, a exemplo da colonização das Américas, do tráfico negreiro, da modalidade da guerra total e do nazifascismo.

Por fim, as patologias sociais detectadas por Benjamin na sociedade capitalista, cujos sintomas consistem em um quadro psicológico de preocupação e culpa em excesso, são reflexo de uma forma social estabelecida sobre bases essen-

cialmente irracionais, tanto em virtude da religião cristã e sua cisão radical entre mundo espiritual e material, perfeitamente adequada a uma sociedade individualista, quanto do fetichismo da mercadoria e da teoria capitalista-burguesa do valor, que retiram tanto do indivíduo quanto da coletividade a capacidade de racionalizar sobre e dispor de seus meios de produção e reprodução da própria existência. As obras de Marx, Freud, Nietzsche e dos autores da Teoria Crítica ora estudados mostram-se necessárias para apreender corretamente o metabolismo que há entre as esferas do trabalho, da particularidade e da universalidade na existência do indivíduo e do ser social, e compreender da forma mais acertada a constituição psíquica humana e suas pulsões, o que permite sua melhor adaptação ao meio.

4. CONCLUSÕES

Se por um lado pensadores como Weber, Adorno e Horkheimer utilizam o conceito de “desencantamento do mundo” para descrever a crise humanitária progressiva do capitalismo, por outro é necessário refletir sobre o processo exatamente inverso, ou seja, se os indivíduos a ela submetidos não estariam, assim como no êxtase religioso, submersos em um “encantamento do mundo”. As armas ideológicas e os mecanismos de controle e concessão de entretenimento e prazer desta sociedade atingem graus cada vez maiores de sofisticação.

A partir do texto ora escolhido e da filosofia de Walter Benjamin, que transita por distintos campos teórico-filosóficos, torna-se possível demonstrar a importância da filosofia de Friedrich Nietzsche e de autores como Sigmund Freud e Max Weber, para a determinação e a crítica das estruturas de religião e de culto da sociedade capitalista, assim como a atualidade e a necessidade da filosofia marxiana e da Teoria Crítica, tanto para a exposição das estruturas de religião e de culto da sociedade capitalista quanto nos esforços prático-teóricos de superação desta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. **Textos escolhidos (Os pensadores)**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- BENJAMIN, W. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- COGGIOLA, O. **Teoria econômica marxista: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- HABERMAS, J. **Teoria e práxis: estudos de filosofia social**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- NIETZSCHE, F. W. **O Anticristo: maldição ao cristianismo. Ditirambos de Dioniso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, F. W. **A genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- TÜRCKE, C. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.